



LUMEN VERITATIS

LUMEN VERITATIS 2022-2024

EDITORIAL

Luisa Leal de Faria

A Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP) tem atravessado um período de inactividade que, esperamos, será brevemente ultrapassado através da eleição de novos órgãos sociais: Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal. Também a admissão de novos membros irá, decerto, contribuir para dotar a SCUCP de um novo fôlego e retomar o dinamismo que foi perdendo ao longo do último ano. Assim, a Assembleia Geral de 25 de Outubro de 2024 deverá assinalar uma nova fase na vida da SCUCP.

Fundada em 1980, a Sociedade Científica foi formalizada por escritura pública notarial lavrada a 4 de fevereiro de 1984, ou seja, há 40 anos. É momento de celebração e, ao mesmo tempo, de convite à reflexão sobre o papel da SCUCP no presente e sobre os instrumentos de que dispõe para concretizar a sua missão. Bastará olhar para os Estatutos para ver como a sua finalidade continua actual: “A SCUCP tem como finalidade promover a cultura nos planos intelectual, artístico, moral e espiritual, como instrumento de realização integral do homem, inspirada nos valores cristãos; e, do mesmo modo, a investigação científica, numa perspectiva interdisciplinar e de síntese do saber.”

Também os instrumentos para a concretização desta missão parecem ser cada vez mais eficazes, ao dispormos de toda uma tecnologia da comunicação que permite agilizar contactos e transmitir conteúdos e mensagens com rapidez e precisão inimagináveis há poucos anos atrás; e, ainda, sem preocupações com a extensão dos textos, a qualidade das reproduções gráficas e os custos antes associados ao número de exemplares e à sua entrega. As comunicações a distância, por Zoom, parecem também possibilitar o acesso total, sem impedimentos, de todos os interessados, às conferências, assembleias ou outras iniciativas da SCUCP. Porém, conseguir cativar o interesse dos associados, quer presencialmente quer a distância, tem-se revelado difícil. O acumular de

ocasiões de índole cultural, como conferências, exposições, lançamentos de livros e tantas outras obriga a selecções por parte do público a que se acrescentam, nos mais jovens, prioridades relacionadas com os seus Centros de Investigação e, nos menos jovens, dificuldades de mobilidade numa cidade como Lisboa. A nova Direcção saberá, decerto, motivar os membros da SCUCP para maior e mais intensa participação nas suas actividades.

A publicação do presente número do Boletim *Lumen Veritatis* visa reactivar uma prática de comunicação entre os membros da Sociedade, que remonta à sua origem, em 1984. Ao longo dos anos foi instrumento de partilha de breves ensaios temáticos e veículo de notícias sobre a vida da Sociedade e dos seus membros. Entre 2008 e 2018 a direcção do Boletim foi assegurada pela Professora Maria Lúcia Garcia Marques, a quem queremos expressar, desde já, a nossa gratidão pelo extraordinário trabalho de produção de conteúdos e respectiva organização. O Boletim aumentou a sua dimensão, passando das oito páginas dos números anteriores a 2008 para as 24 do número de 2018. Mas a publicação em papel e o envio pelo correio aos membros da SCUCP começou a apresentar dificuldades, sobretudo no plano financeiro, enquanto, simultaneamente, as novas tecnologias iam facilitando processos cada vez mais eficientes e económicos de apresentação de conteúdos e da sua disseminação. Os últimos dois números do Boletim tiveram já que abandonar a impressão a cores. Ao mesmo tempo, começámos a trabalhar na construção do novo site da SCUCP, onde publicámos todos os números do *Lumen Veritatis* a partir de 2006, disponibilizando-os assim a um maior número de leitores.

Tornava-se inevitável acabar a publicação do Boletim em papel, e passar para o suporte informático. Para tanto, imaginámos dois novos números com os quais assinalaríamos o arranque de uma nova série. O dossier temático do primeiro incidiria sobre a pandemia COVID-19, ainda muito recente, e o do segundo sobre a temática da juventude. Esta teria obviamente enfoque na celebração do Ano Mundial da Juventude em 2023, mas também seria espaço de homenagem ao Cardeal D. António Ribeiro, lembrando os 50 anos da sua nomeação como Cardeal Patriarca de Lisboa em 1971, o Ano Internacional da Juventude de 1985 e a publicação da sua “Carta à Juventude”, em 1986. Nesse número iríamos publicar excertos da referida “Carta” e pedir a colaboração de membros de SCUCP para reflexões e testemunhos. Ambos os números seriam já preparados para publicação unicamente on-line, no site da SCUCP. O *Lumen Veritatis* on-line incluiria também, como já era de tradição, uma secção com notícias sobre as actividades da SCUCP e outra, “In Memoriam”, lembrando os sócios entretanto falecidos.

O presente número vem concretizar o projecto desenhado para 2022 através da publicação de dois ensaios sobre o tema da pandemia. Alexandre Castro Caldas escreve sobre “O Impacto da Pandemia COVID-19 no Cérebro Social” e Maria Luísa Ribeiro Ferreira sobre “Três olhares sobre a pandemia: Byung-Chul Han, Bernard-Henri Lévy, Papa Francisco”.

Muito embora o projecto para 2023 tenha ficado suspenso, a intenção de reactivar o *Lumen Veritatis* como instrumento de reflexão sobre grandes temas do presente justifica a publicação de um ensaio de José Miguel Sardica sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, com o título “*Russkiy mir: o abominável mundo novo de Vladimir Putin*”.

Segue-se a secção “Notícias da SCUCP”, onde damos conta das iniciativas levadas a cabo em 2022 e 2023, e, por fim, “In Memoriam” onde lembramos alguns dos muito dedicados membros da SCUCP que faleceram nos últimos anos.

Antes de terminar, e por se tratar de um momento de mudança em que, em breve, novos corpos sociais irão tomar em mãos os destinos da SCUCP, impõe-se uma breve referência e agradecimento aos que, nos últimos anos, prestaram a sua inestimável colaboração à Sociedade Científica. Desde logo quero destacar a Dra. Maria Cândida Andrade que, não obstante as funções exigentes e consumidoras de tempo que desempenha na Escola de Direito de Lisboa da UCP, deu à SCUCP todo o apoio necessário, sempre que necessário, com impecável competência, elegância e simpatia. Sózinha, e trabalhando em tempo muito limitado, manteve em funcionamento todas as estruturas necessárias à existência material da SCUCP. Também, embora seja impossível agradecer a cada um/a individualmente, o conjunto de colaboradore/as da UCP que se dedicam à programação e divulgação de eventos, à construção e manutenção do site, à preparação de espaços, entre tantos outros serviços fundamentais, merecem a nossa gratidão.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Professor Manuel Braga da Cruz, foi sempre uma presença motivadora e inspiradora, oferecendo sugestões de actividades, colaborando com total dedicação em todas as iniciativas, mais do que ninguém preocupado em manter activa a SCUCP e relevante a sua missão. A Professora Marília dos Santos Lopes, secretária da Mesa da Assembleia Geral, deu-nos contributos notáveis, ao redigir atas antológicas. Ao Dr. António Bagão Félix, Presidente do Conselho Fiscal, ficamos a dever todas as cuidadosas apreciações das contas da SCUCP, e todas as valiosas críticas e sugestões que fez, ao longo de tantos anos a fim de melhorar as finanças da SCUCP. Aos membros do Conselho Fiscal, Professores Fernando Ilharco, Miguel Gouveia, Ricardo Reis e Duarte Ivo Cruz queremos expressar também a nossa gratidão.

Numa nota mais pessoal, deixo para o fim um agradecimento de todo o coração à equipa directiva que resistiu ao COVID-19 e a todas as vicissitudes destes anos, sempre disponível, sempre construtiva, sempre criativa, sempre solidária. Aos Professores Maria Luisa Ribeiro Ferreira, Alexandre Castro Caldas, José Miguel Sardica, Rosário Lupi Belo e Cristina Neto de Carvalho deixo a minha gratidão por tudo o que fizemos em conjunto e alguma melancolia por não ter sido capaz de fazer mais.

DOSSIER

O Impacto da Pandemia COVID-19 no Cérebro Social

Alexandre Castro Caldas (Fevereiro de 2022)

Há quase 50 anos Jerison (1973) chamou a atenção para o facto de os cérebros dos primatas superiores serem desmesurados em relação à dimensão do seu corpo por comparação com as outras espécies animais. Interpretou este facto como sendo sinal da emergência da inteligência humana. Na realidade a dimensão da cabeça dos primatas que nos antecederam passou-se há um milhão e meio de anos e acompanhou o progresso da forma como fomos passando a deixar traços de actividade mental progressivamente mais complexa. A explicação para estes acontecimentos está ainda em discussão, tendo prevalecido durante muito tempo a hipótese de tal ser devido à modificação da dieta, que passou a incorporar proteínas animais, modificando assim o processo de digestão. O facto de terem passado a cozinhar os alimentos terá contribuído também para um mais rápido processo de absorção e por isso menos tempo diário com a preocupação em procurar alimento.

Alguns anos mais tarde, Robin Dunbar (1998), verifica que existe uma correlação entre a dimensão da cabeça e a dimensão da comunidade em que os primatas se integram. Quanto maior o número de elementos da comunidade maior a dimensão da cabeça. Com base nestes achados que têm vindo a ter confirmação em estudos feitos sobre a complexidade histológica do cérebro, o autor considera que nessa altura se desenvolveram competências mentais relacionadas com a forma de viver em comunidade social. A isso chamou “o Cérebro Social”.

Olhamos para esse conceito como uma matriz de múltiplas competências, apoiadas em múltiplas regiões do sistema nervoso que constituem a fronteira com as modificações da estrutura social resultantes da pandemia provocada pelo vírus Sars-cov-2. Em alguns casos o vírus afecta biologicamente as estruturas nervosas, noutros casos são as normas de defesa criadas contra a infecção que afectam as respostas mentais. Importa salientar ainda que os efeitos são diferentes consoante a idade dos afectados e que esses mesmos efeitos podem ser transitórios ou permanentes.

As estruturas e funções que se podem considerar constituintes do Cérebro Social e que demonstraram ser sensíveis a infecção viral (ver Rogers et al. 2021) são: em primeiro lugar os receptores periféricos dos sentidos, nomeadamente os que importam ao olfacto e ao paladar, a

audição e o nervo vestibular responsável pelo equilíbrio; para além destas modalidades sensoriais importam depois estruturas supra modais que ficam afectadas como relataremos mais à frente.

O olfacto e o paladar são dois sentidos muito próximos e que constituem elementos de defesa das espécies animais mais antigas. Nos cães, por exemplo, encontra-se o chamado órgão vomeronasal responsável pelo olfacto. Este órgão é vestigial na espécie humana desaparecendo após o nascimento, havendo ainda dúvidas no que respeita aos genes que o influenciam (Villamayor et al. 2021). De qualquer forma não podemos deixar de considerar que, mesmo na espécie humana, o olfacto e o paladar constituem factores de coesão social. Basta pensar na importância dos perfumes e da culinária e no que estes sentidos representam para as relações sociais. A perda destes sentidos teve um impacto importante na vida social de quem os perdeu mesmo que tenha recuperado. Da mesma forma, a lesão dos nervos auditivo e vestibular provocando alterações auditivas e do equilíbrio afectaram a comunicação e a autonomia do movimento da marcha. Sendo mais raras, estão também referidas alterações visuais que naturalmente interferem de forma significativa com a relação com o mundo.

A fadiga foi o principal sintoma daqueles que sofreram a infecção. Não é fácil compreender a fisiopatologia deste sintoma que provavelmente implica também o sistema imunológico, já que se encontra associado a infecções por outros vírus. O impacto que este sintoma tem na vida de quem o sofre é a falta de compreensão que em geral os outros têm. Estar fatigado pode ser entendido como preguiça ou nervoso e essa incompreensão afecta certamente as relações de confiança. Da mesma forma se pode entender a sintomatologia depressiva, as dores de cabeça e as dores musculares que não sendo visíveis como sinal de doença são muitas vezes atribuídas ou a simulação ou a nervoso.

Mais graves são algumas manifestações de disfunção da cognição, como a memória e a atenção que podem manifestar-se isoladas ou acompanhar perturbações do sono, isto na ausência de lesões vasculares cerebrais evidenciáveis. A memória sobretudo aquela que respeita aos acontecimentos da vida diária e que se designa por memória episódica é fundamental para o bom funcionamento das relações interpessoais.

Estas são as consequências imediatas da infecção sobre o organismo que têm causado muito mau estar naqueles que as sofreram e nos seus mais próximos. Importa agora avaliar o impacto que têm tido na vida social as medidas tomadas para eliminar o risco de transmissão. Deve chamar-se a atenção para o facto de não se estarem a criticar essas medidas, já que elas em princípio corresponderam a um mal menor face ao desenvolvimento da doença, mas importa compreendê-las pois pode haver medidas a tomar para corrigir os seus efeitos. Julgamos que esses efeitos devem ser compreendidos em diversos grupos etários.

Começamos pelos mais jovens: as crianças do ensino pré-escolar e ensino primário são, em geral, tratadas com carinhos físicos e beijos. A importância do encontro físico entre as pessoas tem sido demonstrada em múltiplas circunstâncias e faz, sem dúvida alguma, parte do conceito do cérebro social, mesmo desde o tempo de gestação como demonstraram Castiello e colaboradores (2010). Estes autores estudaram os movimentos fetais de gémeos univitelinos, por meio de ecografia, e verificaram que os movimentos realizados por cada um em direcção ao outro eram significativamente mais demorados e mais frequentes do que os movimentos realizados em direcção ao próprio ou em direcção à parede do útero. O efeito do contacto físico com os bebés recém-nascidos está também bem demonstrado na literatura (para referência geral ver Kulkarni et al 2010). O desenvolvimento cognitivo e da linguagem nos primeiros anos de vida está também muito dependente da relação parental, como tem sido amplamente demonstrado (ver, por exemplo Ramirez et al 2020).

O afastamento imposto pelas regras de segurança durante a pandemia modificou de forma importante a comunicação física com as crianças e isso teve impacto seu comportamento. O recurso ao uso de tablets e telemóveis para reduzir a interacção moldou comportamentos que são notados pelos professores nas escolas e introduziu o medo nas relações. Estes aspectos são cruciais sobretudo na adolescência, período em que se moldam importantes processos de inibição e de controlo com base em modificações estruturais do córtex frontal (ver, por exemplo: Johnson et al,2016). É difícil ainda compreender o impacto que estas modificações de conduta vão ter no desenvolvimento futuro destes jovens, mas seria muito importante que se reforçasse a vigilância psicológica nas escolas e que se fizesse formação aos professores para os tornar capazes de detectar eventuais problemas atempadamente. O que se passa no ensino superior merece também um comentário já que este período corresponde á entrada na idade adulta, independente, com a formação de relações novas sobretudo para aqueles que têm que se afastar da família para ir morar perto da instituição que escolheram. Esse é o período de maior impulso físico nas relações, que está limitado se não pelo medo da doença então pelas regras impostas.

Em adultos com personalidades hipocondríacas o medo da doença agravou o sintoma, provocando escrutínio exagerado através de análises repetidas e exagerado isolamento social que está a ser difícil de reverter. Em alguns casos, desenvolveu-se um quadro grave de delírio persecutório, ultrapassando o contexto da doença e centrando-se no medo dos outros que estão ali (imaginados) para lhes fazerem mal.

O grupo das pessoas de maior idade quer estivessem nas suas residências quer estivessem institucionalizadas quer estivessem bem do ponto de vista da saúde mental quer sofressem de qualquer doença desse foro, foram sem dúvida as mais afectadas. O isolamento na ausência de plano de vida desencadeou quadros depressivos graves e de certa forma abreviou a vida em muitos

casos, não por terem sido infectados, e nesses casos a doença foi muito grave, mas também nos que tiveram a sorte de nunca terem ficado doentes. De facto, não ficaram doentes com infeção mas ficaram doentes de formas igualmente graves.

Em conclusão podemos dizer que a mente que o nosso cérebro sustenta se estruturou para viver em sociedade com um complexo de recursos que se foram moldando à medida que as espécies evoluíram, e que molda à medida que na vida de cada um vai tendo as suas experiências. A pandemia que se tem vivido representou uma agressão significativa a esses recursos fragilizando quer a capacidade de moldar o cérebro no período de desenvolvimento quer pondo em risco as defesas já adquiridas.

Referências

Castiello, U. et al: Wired to be Social: The Ontogeny of Human Interaction. *Plus One*, 5: e13199.010.

Dunbar, R.: The Social Brain Hypothesis. *Evolucionary Anthropology*.6 : 178-190. 1998.

Jerison, H. J.: [*On the Meaning of Brain Size: Evolution of the Brain and intelligence. Academic Press, New York, 1973.*](#)

Johnson, C.M. et al: Long-range orbitofrontal and amygdala axons show divergent patterns of maturation in the frontal cortex across adolescence. *Developmental Cognitive Neuroscience*, 18: 113-120. 2016.

Kulkarni et al: Massage and Touch Therapy in Neonates: The Current Evidence. *Indian Pediatrics* 47: 771-776. 2010.

Ramirez, N. F. et al.: Parent coaching increases conversational turns and advances infant language development. *PNAS* 117: 3484-3491.2020.

Rogers, J.P. et al.: Neurology and neuropsychiatry of COVID-19: a systematic review and meta-analysis of the early literature reveals frequent CNS manifestations and key emerging narratives. *J Neurol Neurosurg Psychiatry*,92: 932–941. 2021.

Villamayor, P.R. et al: Analysis of the vomeronasal organ transcriptome reveals variable gene expression depending on age and function in rabbits. *Genomics* 113: 2240-2254. 2021.

Três olhares sobre a pandemia: Byung-Chul Han, Bernard-Henri Lévy, Papa Francisco

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Uma crítica que habitualmente se dirige aos filósofos é o facto de se afastarem do quotidiano, refugiando-se num mundo próprio e ignorando as preocupações das pessoas comuns. Tal não acontece com os dois pensadores que elegemos como parceiros para nos ajudarem a refletir sobre a presente pandemia: o germano-coreano Byung-Chul Han e o francês Bernard-Henri Lévy.

Byung-Chul Han tem-nos habituado a curtas, mas densas reflexões nas quais se evidencia o olhar crítico de um estrangeiro, ou seja, de alguém que reflete sobre a sociedade ocidental, onde escolheu estudar e viver. Na sua obra *A Sociedade do Cansaço*¹, Han sustentara que devido ao desenvolvimento da medicina tínhamos ultrapassado as pandemias. Seis anos mais tarde escreve outro livro onde corrige esta tese ao analisar minuciosamente a sociedade contemporânea a braços com a covid-19.² E descreve-a como estando dominada pela algofobia, ou seja, pelo horror à dor, uma dor que classifica como "negatividade por excelência" (ob. cit. p.12).

À semelhança de Nietzsche, Han interpreta a dor como um percurso que nos transforma e liberta, imprescindível e inevitável para a formação de um ser vivo e inteligente. A presente pandemia tornou por demais evidente um mundo anestesiado onde a dor é sinal de fraqueza e o bem-estar e a felicidade se impõem como valores máximos. O desejo de sobrevivência tornou-se obsessivo e em seu nome inverteram-se valores até então aceites, baniram-se práticas e rituais colectivos, fecharam-se fronteiras, isolaram-se pessoas e espaços.

A inteligência artificial que paulatinamente foi conquistando terreno, consolidou o domínio humano sobre a natureza e permitiu-nos atingir metas que anos atrás considerávamos inalcançáveis. Mas tais conquistas não entusiasмам este filósofo que é sobretudo sensível aos efeitos perversos das mesmas. Por isso nos alerta quanto à desumanização progressiva que decorre do nosso desejo crescente de felicidade. Byung-Chul Han tem como objectivo primeiro mostrar-nos o preço que pagamos por esse bem-estar aparente. Consequentemente, denuncia as carências,

¹ Byung-Chul Han, *A Sociedade do Cansaço*, Lisboa, Relógio D'Água, 2014.

² Byung-Chul Han, *A Sociedade Paliativa*, Lisboa, Relógio D'Água, 2020.

falhas e contradições de um mundo que pretendeu suprimir a dor, essa companheira inevitável dos humanos.

Colocar a anulação da dor como objectivo primordial acarreta efeitos perversos. Um deles é a obsessão sanitária que nos leva a encarar o outro como potencial inimigo. O combate ao sofrimento mediante o uso de analgésicos tornou-se uma obsessão dos tempos que vivemos. E não é isento de consequências nocivas pois a anulação total da dor só é possível "numa vida nua, esvaziada de sentido" (p.33). A dor é um fator humanizante, é a consequência inevitável da nossa ligação com os outros e da realidade do mundo. O mundo digital anestesia-nos, oferece-nos uma atmosfera fictícia na qual a verdade é substituída pelo desejo de felicidade e de bem-estar. Os permanente "likes" que atribuímos no facebook, são a prova máxima da falsa construção de um mundo que pretendemos habitar, mas que na realidade não existe. O outro perde as suas características pessoais, deixa de ser um sujeito que pensa e que sofre e transforma-se num número, um caso a mais que se soma a outros. De facto, as notícias diárias que recebemos sobre a evolução da covid-19 descorporizam as pessoas, esquecem o modo como são tratadas, silenciam o sofrimento das suas famílias e dos seus amigos. A sociedade paliativa banuiu a dor, tornou-a quase imoral e como tal, esqueceu-a. O trans-humanismo anuncia um futuro sem dor onde a alegria é um estado permanente. E Byong-Chul Han vaticina que tal estado será a morte da humanidade tal como até agora a conhecemos.

A pandemia também é objeto de reflexão para o filósofo francês Bernard Henry Lévy que sobre ela tem escrito inúmeros textos. De entre eles escolhemos o livro *Este vírus que nos enlouquece*³ recentemente publicado em português. Tomando como lema a tese de que a vida não é vida se for apenas vivida, o filósofo mostra-se especialmente sensível ao alheamento do mundo que esta pandemia provocou, uma atitude que não aceita e que compara ao que Saramago descreve no seu *Ensaio sobre a Cegueira*. Ao filósofo são particularmente irritantes e dolorosas certas posturas e opções que considera regressivas relativamente às conquistas realizadas num passado recente. Uma delas é a ascensão mediática dos médicos que se tornaram os interlocutores prioritários dos nossos telejornais. Revisitando filósofos (Platão, Marco Aurélio, Descartes, Pascal, Locke, Kant, e inevitavelmente Foucault, Sartre, Camus e Lacan) Lévy analisa criticamente a aliança dos poderes político e médico e rejeita o "catecismo virológico" a que os cientistas hoje recorrem para explicar a epidemia. A transformação do planeta num "laboratório de experiência política radical" (p.46) é algo que recusa. E ao inventariar as proibições a que temos sido sujeitos neste confinamento, o filósofo conclui que tal facto vem contrariar o animal político que todos somos e que os gregos tão bem conheciam. Para ele a clausura só é admissível se for provisória e se levar

³ Bernard-Henri Lévy, *Este vírus que nos enlouquece*, Lisboa, Guerra e Paz, 2020.

ao encontro dos outros. Como tomar a sério a ordem de ficar em casa quando grande parte das populações não tem casa ou quando esta se reduz a uma divisão onde todos se amontoam?

As apreciações negativas do filósofo francês relativamente à pandemia também incidem sobre as exéquias descuidadas, os corpos embalados em sacos de plástico, a suspensão de actividades culturais e religiosas, numa palavra, a supressão de muito daquilo que nos mantém humanos. Chega mesmo a criticar (quanto a nós injustamente) o Papa Francisco, pelo modo como se distanciou fisicamente do povo cristão. Por isso a sua análise das passadas celebrações pascaís presididas pelo Chefe da Igreja Católica numa Praça de S. Pedro deserta, não o tocaram, interpretando-as como uma cedência aos poderes constituídos, ou seja, como mais um contributo a corroborar o poder absoluto do Estado. E para Lévy, a passagem de um Estado-providência para um Estado-vigilância é uma mutação perigosa contra a qual nos devemos insurgir.

Aproveitando a tese de Levy sobre o vento de loucura que a pandemia soprou no nosso mundo, verificamos que ela não se circunscreve a um plano médico e higiénico, penetrando noutros contextos onde não esperaríamos encontrá-la. Constatámo-lo nas muitas vezes que este verão percorremos a IC19. De facto, nesta estrada fomos constantemente confrontados com avisos luminosos e com outdoors cujo conteúdo insólito nos surpreendeu. Depois de alguma reflexão percebemos que alguns deles se relacionavam directamente com a covid-19, como é o caso de: "Não facilites. Protege-te" ou "Mantenha distância social". Note-se que o facto de lermos estes avisos numa via que todos percorrem como se fossem apagar incêndios, descontextualiza totalmente o teor de mensagens deste tipo. Alertar um condutor para que não facilite pode ser entendido como um aviso impeditivo de qualquer ultrapassagem. Recomendar na estrada que mantenhamos a distância social é propor ao jipe ou à mota que se distanciem respeitosamente de um Ferrari ou de um Mercedes. Outros avisos nada têm a ver com a epidemia, mas são igualmente de difícil decifração como por exemplo "Portugal chama. Com chuva ou vento. Não opere máquinas" ou "Não deixes que façam de ti um saco." Presumimos que foram produzidos na mesma onda de loucura que a todos varre e que infelizmente não se circunscreve à pandemia.

Para além destes dois filósofos e antevendo já o fim da crise que vivemos lembramos a posição do Papa Francisco na sua recente comunicação à Assembleia Geral das Nações Unidas no passado mês de Setembro.⁴ Nela não se limita a apontar os flagelos provocados pela pandemia, optando por soluções para o fim da mesma. E assim inventaria os pontos frágeis em que é preciso investir, preocupando-se não só com a crise ambiental, mas também com as desigualdades sociais, o

⁴ Papa Francisco, *Comunicação à Assembleia Geral das Nações Unidas* a 25 de setembro de 2020.

armamento, os refugiados, a violência contra as crianças, a discriminação das mulheres. Para Francisco a crise deixará marcas: dela sairemos melhores ou piores, mas nunca iguais ao que éramos. Dirigindo-se a ONU o Papa denuncia o modo como os direitos fundamentais continuam a ser violados com impunidade. Dos caminhos que identifica - o nacionalismo, o proteccionismo e o isolamento, ou o multilateralismo, a solidariedade e a unidade, defende nitidamente o segundo. E apresenta a pobreza, as epidemias e o terrorismo como ameaças perigosas à paz e à segurança. Francisco insurge-se com "uma humanidade violada, ferida, privada de dignidade, de liberdade e de possibilidade de desenvolvimento." Pedindo uma especial atenção para as mulheres, as crianças, os pobres e os refugiados, considerando-os como as principais vítimas desta crise, Francisco desafia a ONU para que atue de um modo decisivo na construção de um futuro em que todos alcancem a dignidade humana a que têm direito. É uma mensagem que nos interpela e que deveríamos concretizar no nosso quotidiano.

Russkiy mir: o abominável mundo novo de Vladimir Putin

José Miguel Sardica

A guerra que há mais de dois anos e meio devasta em larga escala a Ucrânia está para durar. Já provocou centenas de milhares de mortos, milhões de deslocados e regiões e cidades inteiras reduzidas a ruínas. O mundo atentou com surpresa e horror o dia 24 de fevereiro de 2022; mais de trinta meses passados, deveríamos permanecer bem alerta, mas a fadiga mediática já se instalou. As grandes linhas da frente estacionaram; as operações de parte a parte não são conclusivas. Estribado no falso argumento de que a Ucrânia é um país “inventado” que sempre pertenceu à *russkiy mir* – à letra, a “paz russa”, na verdade a versão moscovita do “espaço vital” eslavófilo russo – Vladimir Putin nunca imaginou que a sua *blitzkrieg* não triunfasse depressa, ao estilo da tomada da Crimeia, em 2014, da invasão da Geórgia, em 2008, ou do esmagamento da Chechénia, em 2000. Ao não ganhar depressa, contudo, começou a perder. Por contraste, pedindo “munições” e não “boleias”, decidindo ficar e lutar, Volodymyr Zelensky reinventou em Kyiv a Grã-Bretanha de 1940, mobilizando os ucranianos para uma cruzada de unidade, determinação e capacidade de sacrifício. E ao não perder, conseguiu estar a ganhar. No terreno, ainda não há decisão. No plano da moral política global, infelizmente também não.

A invasão de 2022 não surpreendeu os historiadores. Não era absolutamente inevitável, porque não há inevitabilidades absolutas em história. Mas a história da Rússia pós-comunista e,

sobretudo, da leitura revisionista que Putin levou para o poder, em cima da década perdida de Ieltsin, revelou depressa os rumores que desembocaram em 2022. O colapso do império soviético – disse Putin – fora a maior catástrofe geoestratégica do século XX. E o que não aconteceu em 1991, quando, no frustrado golpe de Moscovo, os ortodoxos do PCUS tentaram eliminar Gorbachov, aconteceu no século XXI: o império contra-atacou. A *russkiy mir* dos primeiros anos do reinado do novo Czar pode ter tido roupagens liberais e internacionalistas – afinal, a Rússia entrou para o G8, estabeleceu parcerias com a NATO e era até convergente com os EUA pós-11 de setembro na guerra ao terrorismo islâmico. Depois veio, porém, o alargamento da UE (e da NATO) ao Leste – porque o Leste livremente procurou a democracia ocidental, querendo voltar costas ao passado comunista e ao presente-futuro russófilo – e, em particular, as revoluções ucranianas de 2004 e de 2014, que mostravam a animosidade local em relação à sombra opressora de uma grande Rússia ali ao lado.

Em 2007, Putin apareceu na Conferência de Segurança de Munique com um discurso muito crítico em relação ao modelo unipolar euro-americano. Enquanto o ocidente mergulhava na grande crise capitalista de 2008, a Síria do tenebroso Bashar al-Assad servia de campo de treino ao novo exército putinista, cujas barbaridades se mostraram ao mundo na Ossétia do Sul e na Abecásia georgianas logo nesse ano. Dispondo de uma marionete fidelíssima na Bielorrússia (Aleksandr Lukashenko), o alvo seguinte teria de ser a Ucrânia, a começar pela Crimeia e a terminar no Donbass, tudo partes do que em Moscovo se chamava (e chama) *Novorossiia* (a Nova Rússia).

O campeonato do mundo de futebol de 2018, que a FIFA vendeu a Putin como manobra de *sportswashing*, branqueou o que estava já em curso, a saber, que entre 2014 e o final de 2021, as campanhas militares no Donbass, com o argumento de defesa das populações russos locais contra a (inexistente) ofensiva “nazi” de Kyiv, mataram quase 15 mil civis. E a dependência energética da Europa face ao gás e petróleo russos fez o resto. Como os apaziguadores de outrora diante de Hitler, os líderes ocidentais não viram o real choque de civilizações em curso: de um lado a liberdade, do outro o neoimperialismo. Democratas ciosíssimos de vários direitos começaram a ver o “fascismo” espreitar em toda a parte – em Washington ou em França, na Andaluzia ou em Roma, e nos iliberalismos de Budapeste e Varsóvia; nunca se deram conta, ou nunca quiseram realmente ver, que o fascismo morava em Moscovo. Por uma questão de rigor histórico, podemos chamar-lhe antes de *russismo*. Pode não haver campos de concentração (embora não saibamos se não haverá *gulags* entretanto reabertos), mas está lá muita coisa provinda de um passado que afinal não passou: o culto do líder, o elogio da guerra e da morte heroica, a doutrinação da juventude, a perseguição de dissidentes e minorias, a exploração do ressentimento nacionalista e a diabolização do inimigo, tudo envolto no projeto óbvio de domínio de um *volk* sobre outro(s).

Nem isto fez de Vladimir Putin um pária internacional. Temo-lo visto, nos últimos dois anos e meio. A União Europeia e os EUA de Biden (sublinhe-se, de Biden, porque depois de novembro de 2024...logo se verá) estão com a Ucrânia, e devem estar. Mas o mundo incerto de hoje é pós-europeu, pós-americano, pós-ocidental. Sergey Lavrov tem sido aplaudido por muitos países africanos e entre os BRICs há quem, por pensamentos, palavras, atos ou omissões alinha de facto com a Rússia de Putin. Desde há mais de vinte anos, com uma cadência relativamente regular de golpes infligidos à legalidade internacional, Moscovo tem liderado o que se percebe ser o plano de uma nova ordem euroasiática – “patriótica, cristã, marcial, carnívora, heterossexual, filoprogenitiva, em contraposição à Europa decadente, pós-nacional, multicultural, apoiante do LGBT, acolhedora em relação aos muçulmanos e pacifista da UE” (Timothy Garton Ash). Como em tantas outras coisas, o retrato diagnostica problemas reais, que as democracias ocidentais deveriam ter enfrentado e estar a enfrentar; mas os que os procuram atalhar escolhem meios indignos para o fazer, subvertendo valores, atropelando direitos e criando horizontes de um mundo terrível, devastado por ditaduras, guerras e intolerâncias que o remanso afluyente pós-1945 e o triunfalismo democrático pós-1989 sonhavam ter enterrado definitivamente na história.

O chanceler alemão Olaf Scholz classificou o 24 de fevereiro de 2022 como *zeitenwende*: o início de uma nova era. A data foi, é, de facto o ponto nodal do que o Papa Francisco tem vindo a elaborar como uma “mudança de época”, e não apenas uma “época de mudanças”. Desde há mais de dois anos e meio vivemos num presente-futuro que parece um regresso ao passado. Putin quebrou, no Donbass, como já o fizera na Crimeia ou na Geórgia, as regras mais basilares da ordem globalista liberal refundada em 1945 – a saber, a de que nenhuma fronteira pode ser alterada a não ser por meios pacíficos e com o consentimento de todos os Estados envolvidos; e a de que alterações de fronteiras impostas do exterior só são justificáveis para a reposição da legalidade violada ou por razões humanitárias, e sob mandato legal internacional (por isso a invocação do precedente do Kosovo por parte do Kremlin é improcedente). Mas Moscovo fez muito mais: invadiu a Ucrânia com barbarismo semelhante ao dos invasores nazis sobre as “terras sangrentas” (Timothy Snyder) do leste europeu durante a Segunda Guerra Mundial. A barbárie que televisionamos é um conflito do século XXI, com drones e ferramentas cibernéticas; mas também um conflito à século XX, com tanques, artilharia pesada, cidades arruinadas, trincheiras lamacentas e corpos jazentes. Os *frames* de 2022-24 poderiam ser fotografias de 1914-18 ou de 1939-45. Os ucranianos mais velhos referem-se ao exército putinista como *nimtsi* (“alemães”, ou seja, nazis!); tendo sobrevivido a um totalitarismo, estão a sucumbir a outro.

No plano internacional, Vladimir Putin conseguiu o que nenhum líder da URSS conseguira: empurrar a Finlândia e a Suécia para os braços da NATO, e apressar a corrida da martirizada Ucrânia e da assustada Moldávia ao ingresso na União Europeia. Por que angustiadas razões os putativos quintais da *russkiy mir* querem, afinal, deixar o lado de lá e vir para o lado de cá é

pergunta que Putin nunca se faz, ou a que nunca responderá. Foi a mesma pergunta que John F. Kennedy dirigiu retoricamente a Nikita Khrushchov quando visitou o Muro de Berlim, em 1963.

E agora, dois anos e meio depois da grande invasão? Quando e como terminará a guerra na Ucrânia? Ninguém, com honestidade, poderá dizê-lo ou calendarizá-lo. Mais do que da sorte das armas no terreno, o futuro naquela nevrálgica parte do mundo (como no braço-de-ferro entre Israel e o Hamas na Terra Santa), as variáveis mais importantes são-lhe exteriores. A Comissão Europeia tenta manter a unidade no apoio à Ucrânia e acelerar a sua entrada na UE, um dossier polémico para os outros que estão à porta, para os que, já cá dentro, desconfiam da “lestificação” do continente, e onde a pressa é inimiga da perfeição. Com ainda mais peso, as eleições presidenciais americanas poderão clarificar as coisas para melhor ou para pior, consoante a Casa Branca continue democrata ou regresse às mãos atrabiliárias de Donald Trump. Em Washington, o destino de Zelensky não é separável do de Netanyahu; e se um deles tiver de cair será, com maior probabilidade, o primeiro. Por fim, há ainda a incógnita dos BRICs e, muito em particular da China. A “parceria sem limites” que Xi Jinping já foi afirmar em Moscovo ao seu sorridente anfitrião justificará um conflito sem quartel com um Ocidente pró-ucraniano? Ou o velho e cauteloso pragmatismo geoestratégico e comercial de Pequim quererá antes uma solução salomónica, pela qual Putin saia da guerra apenas com a Crimeia e Zelensky salve o resto do seu país?

A guerra, estabeleceu o célebre Clausewitz, é a continuação da política por outros meios. Há anos que Moscovo segue este ensinamento à letra: daí o 24 de fevereiro de 2022. Contra esse modo bélico de ver o mundo, será preciso, em modalidade que envolva toda a comunidade internacional, encontrar vias para resolver pela política o que a guerra não pode, não deve e não consegue resolver. Vladimir Putin tem de ser devolvido à procedência, e a legalidade e a moralidade internacionais de alguma maneira repostas e salvaguardadas. A não ser assim, o mundo entrará no “vale tudo”. E a história está cheia de exemplos de como o “vale tudo” desembocou depressa no mais sortido e sórdido catálogo de duradouras barbaridades.

NOTÍCIAS DA SCUCP

Assembleia Geral de 8 de fevereiro de 2022

Após um período de fraca actividade, correspondente aos confinamentos decretados em resultado da pandemia COVID-19, a Sociedade Científica começou o ano de 2022 com a realização de uma Assembleia Geral, no dia 8 de fevereiro, onde actualizou toda a informação sobre as actividades desenvolvidas nos dois últimos anos e apresentou o novo site da SCUCP.

Conferência “*Nos 500 anos da viagem de Fernão de Magalhães: antecedentes, acontecimentos e impacto*”, por **Henrique Leitão**

A Assembleia Geral foi, também, a ocasião para a realização de uma conferência, proferida pelo **Professor Henrique Leitão**, com o título “*Nos 500 anos da viagem de Fernão de Magalhães: antecedentes, acontecimentos e impacto*”. A Assembleia Geral e a Conferência foram transmitidas por Zoom, e foi, além disso, efectuada a gravação da conferência e facultado aos membros da SCUCP o respectivo *link*, para poderem visitar esta extraordinária comunicação em qualquer momento.

Conferência **Beato Carlos, Monarca austro-húngaro: da procura da paz ao exílio**, 24 de março de 2022.

Pouco depois, no dia 24 de março teve lugar uma conferência comemorativa do centenário da morte do Beato Carlos de Habsburgo, Imperador da Áustria e Rei da Hungria. A iniciativa partiu do Prof. Manuel Braga da Cruz e foi concretizada pela Sociedade Científica, com o apoio da Reitoria e das Embaixadas da Áustria e da Hungria. Na sessão de abertura usaram da palavra a Senhora Reitora, os Embaixadores da Hungria e da Áustria e a Presidente da SCUCP, que apresentou o último orador desta parte da sessão: Georg von Habsburg, neto do Imperador, filho do seu filho mais velho Otto. Georg von Habsburg, então Embaixador da Hungria em Paris, quis participar, mesmo a distância, nesta homenagem ao seu avô.

Foram apresentadas três comunicações. Andreas Gottsmann, Director do Austrian Historical Institute em Roma, falou sobre *Charles IV/I attempt to rebuild the Danube Monarchy: government reform, peace efforts, catholic thinking and the harsh reality of politics in wartime*;

José Miguel Sardica, da Faculdade de Ciências Humanas, apresentou uma comunicação com o título *Nobility without a Throne: the exile, death and legacy of Charles of Habsburg*. Por último, Gergely Fejérdy, subdirector da Otto von Habsburg Foundation, entre outros cargos, falou de *The last sovereign of the Austro-Hungarian Empire seen by his son, Otto of Habsburg. Memories, spiritual, intellectual and political heritages*.

A conferência foi encerrada com um cocktail oferecido pelas Embaixadas da Hungria e da Áustria.

Embora tenha sido transmitida por Zoom, aqui ficam os resumos das comunicações, que assim podem ser revisitadas:

Andreas Gottsmann: A tentativa de Carlos IV/I de reconstruir a Monarquia do Danúbio: reforma do governo, esforços de paz e a crua realidade da política em tempo de guerra.

Quando o Imperador Francisco José morreu, em novembro de 1916, depois de 68 anos de reinado, tinha já sobrevivido a dois herdeiros do trono: o seu filho, Príncipe Herdeiro Rudolfo, e, em junho de 1914, o seu sobrinho Franz Ferdinand. O Arquiduque Karl Franz Joseph veio a assumir este papel de um modo relativamente inesperado e impreparado, tendo que começar por se familiarizar com o mesmo. Nos seus dois anos como herdeiro do trono poucas vezes apareceu em público, porque a guerra tinha imposto outras prioridades. O novo Imperador era jovem e mais próximo do povo do que o seu antecessor, mas ainda assim faltava-lhe a aura sagrada do seu tio-avô. Em tempos de paz, estas condições apareceriam como uma mudança de paradigma há muito esperada, e a população ter-se-ia acostumado gradualmente ao jovem monarca e ao seu estilo moderno de governo. Em tempos de guerra, no entanto, a mudança de liderança foi fatal, uma vez que o novo Imperador não podia já contar com a confiança ancestral que fora reservada ao seu antecessor de maneira óbvia. Graças às suas frequentes visitas à frente de guerra conseguiu, ainda assim, construir para si uma imagem positiva.

Os seus planos políticos de reforma eram abrangentes, porque compreendia que o estado Habsburgo tinha que se transformar num estado moderno, do século XX, o mais depressa possível. Contudo, a guerra não lho permitiu. Logo nas suas primeiras proclamações prometia pôr fim aos males da guerra logo que possível. Ao fazê-lo, ergueu parâmetros muito elevados, através dos quais seria julgado no futuro, já que o fim da guerra em pouco dependia dele. Mas, para o fazer, tinha que quebrar a oposição dos mais variados grupos de interesses e perceber que iria criar inimigos poderosos nas fileiras das antigas elites. Desde o início do seu reinado, o Imperador Carlos estava decidido a operar vastas mudanças radicais, o que, depois de dois anos de guerra, depois das dificuldades de abastecimento e da desmoralização das tropas e da população civil era

difícil, se não mesmo impossível. Além disso, os estreitos laços de política externa com a aliada Alemanha limitavam severamente a sua autonomia no processo de decisão. Assim, Carlos via, de forma muito crítica, a sua aliança com a Alemanha. O jovem Imperador assumiu funções com um misto de inexperiência, idealismo, teimosia, preferências pessoais e aversão. Os desafios que enfrentava eram enormes. Tinha que ter uma solução para cada caso e, muitas vezes, tinha. Não hesitava, mas queria espalhar as suas convicções e consolidar o seu poder. Tanto na guerra como nas políticas do dia a dia estava muito mais presente do que o seu antecessor, tomava posição, mas era também um alvo fácil para ataques.

Embora as suas reformas internas – não obstante a guerra devastadora em que a monarquia Habsburgo estava enredada – fossem consideráveis, o seu percurso em direção a uma política externa independente acabou por se transformar em pura utopia. O aliado alemão estava demasiado imbrincado, em termos militares, políticos e económicos. O Imperador Carlos, no entanto, desenvolveu todos os esforços possíveis, porque estava convencido que, de outro modo, a monarquia do Danúbio estava condenada à dissolução. E fê-lo, não obstante o facto de os seus conselheiros mais importantes, desde logo o ministro dos negócios estrangeiros Czernin, o terem alertado para as consequências de agir sozinho. Sem ter informado o seu ministro dos negócios estrangeiros nem o aliado alemão, ofereceu negociações de paz à França. Para os seus inimigos, isto constituiu uma traição ao seu aliado, quando, de facto, se tratava apenas de uma oferta de mediação entre os dois inimigos em guerra, a Alemanha e a França, a fim de remover um dos mais difíceis obstáculos à paz. Ao publicar esta carta, o Primeiro Ministro francês Clemenceau provocou grande embaraço ao Imperador. O Imperador Carlos teve que se deslocar ao quartel-general alemão na cidade de Spa. Foi um ato de submissão sem paralelo, que diminuiu a monarquia do Danúbio a um estado vassalo da Alemanha. O dilema de Carlos era tentar combater a guerra em prol da paz, conseguir que a monarquia saísse da guerra sem beliscadura e debilitar o domínio alemão. Falhou nestas três frentes.

José Miguel Sardica: *Nobreza sem trono: o exílio, morte e legado de Carlos de Habsburgo*

Carlos de Habsburgo (1887-1922) foi o último Imperador-Rei da Áustria-Hungria, sucedendo, em novembro de 1916, ao seu tio-avô, Francisco José. Ao tempo com 29 anos, casado com Zita de Bourbon-Parma (neta materna de D. Miguel I de Portugal), o Imperador Carlos destacou-se na procura de uma paz que fizesse terminar a I Guerra Mundial, e de uma reforma federalizante da estrutura política da Monarquia Dual, para uma nova era de progresso na vasta Europa central tutelada a partir de Viena. O fracasso dessas tentativas, sabotadas tanto pela sua aliada Alemanha, como pelas potências da *Entente*, ditou a queda do Império Austro-Húngaro em 1918. Carlos renunciou ao seu poder, mas nunca abdicou. Em março de 1919, o novo governo republicano da

Áustria condenou-o ao exílio na Suíça, de onde o ex-Rei da Hungria tentou regressar ao seu trono de Budapeste. Também este projeto se malogrou, duas vezes, em março e em outubro de 1921, perante a tenaz resistência de Miklós Horthy, o novo regente do reino da Hungria. Declarado um “usurpador” pelos novos poderes nacionais que tinham emergido da extinta Monarquia Dual, e quase um pária pelas potências vencedoras da Grande Guerra, Carlos de Habsburgo foi então entregue à guarda do governo britânico que, em novembro de 1921, decidiu, com a concordância do governo português, um velho aliado da diplomacia de Londres, conduzir o casal real para o seu novo exílio, na ilha da Madeira, geograficamente isolada e distante da Europa central. Aportado ao Funchal, o ex-Imperador ali encontrou gente hospitaleira e acolhedora, que simpatizou com a sua personalidade gentil, discreta, abnegada e caritativa, tanto no trato com os outros quando no amor paternal com que procurou cuidar da família. No entanto, o exílio no Funchal seria ensombrado por grandes dificuldades financeiras. Nos meados de março de 1922, o ex-Imperador adoeceu, com uma constipação que depressa evoluiu para bronquite e pneumonia. Ao cabo de 134 dias passados na Madeira, faleceu a 1 de abril de 1922. Os seus restos mortais ainda hoje estão depositados na Igreja de Nossa Senhora do Monte, vizinha da Quinta do Monte, onde o proscrito monarca viveu os seus últimos dias. Exemplo de fé e devoção católicas, de moral pacifista e de educação familiar, Carlos de Habsburgo possuiu uma nobreza que não proveio apenas da sua alta condição de “sangue azul” – uma nobreza de carácter e de comportamento humanos que pode, em 2022, olhando os tempos incertos e beligerantes dos dias de hoje, inspirar todos os que conhecem a história da sua vida. Popularmente declarado “santo” desde 1922, o seu processo de beatificação foi inaugurado em 1949; Carlos de Habsburgo seria aclamado “Beato” pelo Papa João Paulo II em 2004.

Gergely Fejérdy: O último soberano do Império Austro-Húngaro visto pelo seu filho, Otto de Habsburgo. Memórias e heranças espirituais, intelectuais e políticas.

Diversos livros e artigos foram já escritos sobre a vida do último Imperador da Áustria e Rei da Hungria, Carlos de Habsburgo; mas essas obras raramente abordam as opiniões de Otto de Habsburgo sobre o seu pai. A herança política, espiritual e intelectual do monarca falecido no exílio, há cem anos, foi decisiva para o seu filho mais velho. Otto de Habsburgo menciona o seu pai em várias entrevistas e conferências. O também falecido político europeu, que se tornou herdeiro do trono com 9 anos de idade, enfatizou sobretudo a generosidade e a tolerância do Imperador e Rei Carlos de Habsburgo, a sua dedicação ao serviço dos seus povos, o seu compromisso com a paz e a sua profunda fé religiosa. Otto de Habsburgo realçou também o seu amor de pai, para quem a família era muito importante. Para além de bibliografia científica, a apresentação fará uso de diários contemporâneos, memórias, intervenções e conferências para

mostrar como Otto de Habsburgo via o seu pai, o último imperador da monarquia Austro-Húngara, que morreu na ilha da Madeira, a 1 de abril de 1922. Na apresentação discutir-se-á também, brevemente, como Otto de Habsburgo refletiu sobre as maduras decisões políticas do seu pai. Se é verdade que Otto de Habsburgo considerava o pai um modelo, nunca perdeu de vista que ele não fora infalível. Otto acreditava que a sua vocação seria simplesmente a de seguir o caminho aberto pelo seu pai, e cujo valor referencial era o de servir o bem comum. A apresentação sublinhará, pois, o quanto a carreira de Otto de Habsburgo foi construída, de muitas maneiras, a partir da sua relação muito próxima com o pai.

Conferência *A Política Energética e o Sistema Elétrico em Portugal: Uma Análise Estratégico – Tecnológica*, por **Clemente Pedro Nunes**, 26 de maio de 2022

Com o intuito de dar continuidade a iniciativas no âmbito das preocupações com o ambiente, que já tinham sido objecto de um ciclo de conferências e mesas redondas, convidámos o Prof. Clemente Pedro Nunes, catedrático do IST, para falar sobre *A Política Energética e o Sistema Elétrico em Portugal: Uma Análise Estratégico – Tecnológica*, em conferência que teve lugar no dia 26 de maio. Não obstante os grandes esforços de informação e mobilização dos membros da SCUCP, esta conferência registou uma participação mais que exígua.

A conferência focou os seguintes pontos: 1. A Base Energética de Portugal: Uma Síntese Estratégica de 77 anos (1945-2022). 2. As Fontes de Energia Primária e a Fatura Energética Portuguesa. 3. A Eletricidade, Uma “Mercadoria Muito Especial” : O maior Erro Estratégico da Política Energética Portuguesa. 3.1 Alternativas para “A Armazenagem Indireta de Eletricidade”. 4. O Drama das Potências Elétricas Intermitentes em Portugal e o esquema de as proteger com FIT. 5. Como se Chegou a um Sistema Elétrico Ruinoso. 6. A Inovação Tecnológica, a Intermitência Elétrica e o Hidrogénio Eletrolítico. 6.1. O Hidrogénio Eletrolítico: Oportunidades e Riscos. 7. A Crise Energética dos Últimos Doze Meses em Portugal: Uma Breve Radiografia. 7.1. Em Portugal: a Sobreposição de Erros Estratégicos. 7.2. Dados Recentes dos Preços da Eletricidade: Portugal e Outros Países Europeus. 8. Uma Estratégia Energética que Promova a Competitividade da Economia de Portugal. 8.1 - Os Dramas do Sistema Elétrico até 2032. 8.2 – Propostas de Otimização do Sistema Elétrico até 2040.

Publicação do último volume de *Gaudium Sciendi*:

Também, ao longo do primeiro semestre do ano, a Direcção enviou aos membros da SCUCP várias circulares, com o fito não só de transmitir informação sobre as actividades, como convidar à participação e colaboração. O falecimento da Professora **Maria Laura Pires**, em junho de 2022, desencadeou a iniciativa de organização de um último volume da revista *Gaudium Sciendi*, cujos 10 anos de existência se completavam na mesma altura. A Professora Maria Laura tinha já começado a preparar um volume que tinha, para ela, grande carga simbólica – seria o volume 22.º, ao fim de um decénio de existência. Alargando os convites à colaboração a académicos que já tinham colaborado em números anteriores, conseguimos concretizar a publicação on line do n.º 22 em princípios de 2023, muito embora reportando a data oficial a dezembro de 2022. É devido um agradecimento reconhecido às Professoras Marília Santos Lopes e Ana Costa Lopes pelo trabalho de coordenação e edição deste volume, também disponível on line no nosso site, em [file](#).

Atividades em 2023

Em 2023 a atividade da SCUP limitou-se à co-organização de algumas iniciativas académicas relacionadas com a União Europeia: uma, assinalando o **Dia da Europa (9 de maio)** e outra colaborando no lançamento de uma obra coordenada por Francisco Torres e Anette Bongardt sobre a economia política europeia.

Importa lembrar, ainda, que **o site da SCUCP** foi remodelado em inícios de 2022, graças ao apoio inestimável da Reitoria e da equipa técnica, e apresenta agora um formato muito *user-friendly* com grande potencial, a meu ver, para utilização mais intensa. As actividades da SCUCP acima referidas podem ser vistas no site através do link [Notícias & Eventos | SCUCP-WEBSITE](#)

IN MEMORIAM

Assinalamos neste número o falecimento de alguns membros da SCUCP nos últimos anos, que queremos homenagear através de pequenas notas biográficas ou testemunhos. Através deles lembramos todos os outros, entretanto também desaparecidos, que merecem a nossa gratidão e saudade, como Gonçalo Ribeiro Telles, falecido a 11 de novembro de 2020, Mário Emílio Forte Bigotte Chorão, a 1 de junho de 2020, o Cónego João Seabra, a 3 de junho de 2022 e João Ernesto de Almeida Flor, que nos deixou a 9 de março de 2024.

Fernando Branco (25 de setembro de 2019)

Professor Fernando Branco - Uma vida de serviço. Segunda, setembro 30, 2019 - 12:36

“O importante é que cada um de nós viva sempre no sentido de servir”, partilhou o Fernando com a tranquilidade que o caracterizava, na (insuspeitada) última conversa que teve com um dos seus grandes amigos, à laia de conselho...

Apesar da sua fragilidade física, fomos tomados de surpresa pela triste notícia da partida prematura do nosso Professor Fernando Branco. Um dos Homens fortes da nossa escola, uma mente brilhante, discreta, atenta e cáustica quando necessário, viveu em atitude permanente de serviço, batendo-se pelos valores em que acreditava.

O Fernando era uma pessoa ímpar, foi Director da Católica Lisbon School of Business & Economics, Vice-Reitor da Universidade Católica, reputado investigador e Professor dedicado, mas acima de tudo, alguém que dedicou a sua vida à família e à Universidade Católica com uma generosidade sem fim. É para nós uma enorme honra que o Fernando tenha feito parte da nossa História.

Descansa em paz, Fernando, o teu legado será perpetuado...

(in <https://intra.clsbe.lisboa.ucp.pt/pt-pt/noticias/professor-fernando-branco-uma-vida-de-servico-51626>)

P. Roque de Aguiar Pereira Cabral, sj (n. 05/03/1927 – + 25/06/2021)

Tinha 94 anos e 76 na Companhia de Jesus. O P. Roque Cabral nasceu na cidade do Lobito, Benguela, Angola, no dia 05 de março de 1927 e entrou na Companhia de Jesus no dia 18 de outubro de 1944, no mosteiro de Santa Marinha da Costa, Guimarães. Fez o noviciado e dois anos de humanidades clássicas e modernas, em Guimarães. Entrou na Faculdade de Filosofia de Braga em 1948 e licenciou-se em Filosofia em 1951. Foi diretamente da Filosofia para a Teologia, em San Cugat del Vallés, Barcelona, até 1955. Foi ordenado sacerdote em San Cugat, no dia 30 de julho de 1954. Fez a Terceira Provação (1955 / 56) na Alemanha, em Sentmaringerweg, Münster. Em 1956 foi destinado ao Colégio de S. João de Brito, em Lisboa, como diretor espiritual dos alunos e professor, durante quatro anos. Em 1960 seguiu para Roma fazer o doutoramento em Teologia Dogmática, na Universidade Gregoriana. Fez os últimos votos no dia 02 de fevereiro de 1962, na igreja do Gesù, em Roma. Em 1962 foi para a Faculdade de Filosofia de Braga como professor de Ética e redator da “Revista Portuguesa de Filosofia”. Em 1964 assumiu o cargo de ministro dos estudantes de filosofia, até 1976. E foi, também, prefeito de estudos. Colaborou na enciclopédia “Verbo”, da qual foi diretor e nas enciclopédias “Polis” e “Logos”. Foi coordenador do sector de Filosofia de Lisboa, da Universidade Católica Portuguesa e nomeado para a comissão instaladora da UCP, no Porto, em 1978 e diretor do se Curso de Direito, em 1984. Em 1894 / 85 fez um ano sabático, em Lisboa, residindo na residência da Lapa. Foi membro fundador do Centro de Estudos de Bioética. O P. Roque Cabral foi uma pessoa altamente considerada pelo seu equilíbrio e competência profissional. Faleceu no dia 25 de junho de 2021, em Braga.

(in *AD INTRA: Notícias da Nossa Província*, 2021, Newsletter, nº 19, 25 de junho, “In Memoriam”)

Em memória da Leonor Xavier (12 de dezembro de 2021)

"Reparo na versatilidade da minha vida, não poderei nunca queixar-me de rotina, de mesmice, de tudo ser igual ou repetido."

Leonor Xavier⁵

Na morte da Leonor Xavier e ao recordá-la nas diferentes fases da vida em que fui sua amiga, há duas constantes que se sobrepõem - a alegria e a coragem.

⁵ *Casas Contadas*, Alfragide, 2009, p. 235.

Embora a nossa amizade se tenha cimentado mais tarde, conheci a Leonor desde criança pois partilhávamos dos mesmos grupos, íamos às mesmas festas, dávamo-nos com as mesmas pessoas. No entanto, foi no regresso da sua estadia brasileira que a nossa relação se transformou e que o mero conhecimento se transformou em amizade - no meu caso, em admiração pelo modo como ela, através da escrita, nos ia revelando um modo desassombrado e muitas vezes irreverente de viver. Por isso revisito aqui três dos seus livros que mais me marcaram e onde a coragem e a alegria são uma presença constante. Começo por *Casas Contadas* onde nos fala dos lugares que habitou, descrevendo as treze moradas onde viveu, amou, sofreu e também se divertiu, pois quem a conhece não esquece o seu sentido de humor e o modo muito próprio como objectivamente se via a si mesma e aos seus familiares e amigos. Da casa dos avós onde passou os primeiros anos, à casa de campo que nos últimos tempos lhe servia de refúgio e meditação, acompanhamos as amizades que se consolidaram, o namoro e o casamento com o Alberto, a vinda dos filhos, a roda sempre crescente de pessoas interessantes que foram suas amigas, as múltiplas viagens, os "mixed feelings" de felicidade e de angústia, tudo isto a Leonor recorda, tomando como cenário as diferentes casas e contextos onde decorria a sua vida.

A ida para o Brasil é uma marco determinante, diferentes moradas, outros amigos, múltiplos ritmos e aprendizagens, novas rotinas, iniciação a uma cultura musical desconhecida, participação em desfiles de samba (algo inimaginável na sua vida em Portugal), em suma, a estadia brasileira provocou na Leonor uma verdadeira mutação que lhe abriu as portas para horizontes inesperados de liberdade e de fantasia: "A grande revolução foi a chegada ao Brasil, a descoberta da vida rasgada, ali clandestinamente à minha espera" (p.134). "Depois de uma vida sempre igual eu via-me num ambiente em que conheci, conversei e convivi com dezenas de pessoas, sendo iniciada nos modos da brasilidade" (146). E foi nesta nova vida, no Rio, em S. Paulo e novamente no Rio, que a Leonor começa a trabalhar, primeiro na venda de plásticos, cosméticos e *Tupperwares*, mais tarde em áreas adequadas às suas habilitações académicas, iniciando e consolidando com êxito a sua vocação de escritora e jornalista. Aceitando um convite de Nuno Rocha inicia-se como correspondente do jornal *Tempo* e, pouco depois no *Espaço T Magazine*, coordenado por Maria José Costa Félix; posteriormente irá colaborar no *Mundo Português*. É no Brasil que escreve o seu primeiro livro, *Ponte Aérea*, uma obra com que inicia a sua vida de escritora e a sua entrada no mundo da intelectualidade portuguesa e internacional.

O segundo livro que escolhi para falar da Leonor - *Passageiro Clandestino* - é representativo de uma outra etapa marcante da sua vida.⁶ É um relato corajoso em que a doença se exorciza pela escrita. Trata-se de um livro de partilha e também de ajuda solidária para todos os que sofreram do mesmo mal. Para eles (e para nós também) a Leonor justifica esta obra: "Assim, posso talvez

⁶ *Passageiro Clandestino*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 20014.

através da escrita passar uma respiração de serenidade aos tantos outros, que, como eu, foram violados na intimidade do seu corpo, na sua integridade, na absoluta perfeição que julgavam iria durar para sempre" (p. 11). No modo otimista que a caracteriza a Leonor encara esta experiência como uma aventura e não como uma doença. A confiança nos médicos e na eficácia dos tratamentos mantêm-na tranquila perante esta situação inédita que classifica como uma nova viagem, à qual se refere como "pasmosa e pasmada" (p. 47). E fala desta sua nova identidade com o desassombro e a coragem com que sempre enfrentou as situações insólitas. Consegue fazer-nos rir quando compara a experiência das ressonâncias magnéticas com o *frisson* que sentia no castelo fantasma da Feira Popular, onde festejava o fim das aulas. E ao descrever a atitude carinhosa dos médicos e enfermeiras, conclui que a caridade não está separada da alegria, completando-a com gestos de ternura. A quem lhe pergunta se tem medo de morrer, responde que a inquietam mais a decadência, a demência e o sofrimento. E lembra o discurso que o escritor Guimarães Rosa proferiu na Academia Brasileira de Letras: "O mundo é mágico. As pessoas não morrem, ficam encantadas."

Felizmente, ao tempo da doença seguiram-se anos de calma em que a Leonor manteve o seu dinamismo habitual, gozando dos amigos, dedicando-se a causas, organizando colóquios e escrevendo novos livros. Destes escolho *Há Laranjeiras em Atenas*.⁷ recordando uma conversa em que me perguntou qual a virtude que eu mais admirava. Estávamos numa assembleia cheia de gente e o que me veio primeiro à cabeça foi a coragem (pg. 108). E embora este livro não se dedique a este tema, atravessa-o a alegria de alguém que se sente reconciliada com a vida. Nele estão presente lutos, separações, exílios e doenças, mas nunca se perdeu a capacidade lúdica da diversão. A prosa desenrola-se ao sabor de vivências, numa mistura de passado e de presente que não respeita a cronologia. É um livro que recorda as pessoas que passaram pela sua vida, os seus amores e amizades, as causas que a interpelaram, as paisagens em que foi feliz, mas também aquelas mais sofridas, que a marcaram para sempre. Ao evocar a figura do pai, médico, regressa ao tema da doença, falando com ironia das constantes conversas que no nosso país se desenrolam sobre este tema em encontros, convívios ou às mesas de jantar. E de novo refere as diferentes cirurgias a que foi sujeita, reiterando a sua crença na medicina "como profissão de fé, ciência do sagrado." (p. 116).

A concluir o livro a Leonor evoca as nuvens sem forma nem modelo, mas suficientemente poderosas para nos abrirem a imaginação, fazendo-nos voar para o outro lado do mundo. Acreditamos que presentemente ela se encontra nesse "outro lado", junto de Deus. E recordamos

⁷ *Há Laranjeiras em Atenas*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2019.

com alegria a esperança e a coragem com que a Leonor escreveu: "o reino de Deus depois da morte não é para mim fantasia, mas certeza."

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

(Texto publicado no Jornal On Line *7margens* a 14 de dezembro 2021, com o título "Bom é viver". As muitas vidas de Leonor Xavier)

Natália Rothes (12 de setembro de 2021)

No dia 9 de dezembro de 2021 foi celebrada uma missa de sufrágio pela Sra. D. Natália Rothes na Capela de Nossa Senhora Sede de Sabedoria, na Universidade Católica. Maria Natália, como gostava de ser chamada, tinha falecido no dia 12 de setembro, mas na altura muitos dos seus amigos não puderam estar presentes nas cerimónias. Teresa Seruya, uma sua grande amiga, telefonou-me em princípios de dezembro, lembrando que a Sra. D. Natália faria noventa anos no dia 9, e que ela e algumas outras pessoas amigas tinham combinado a celebração de uma missa nesse dia. Quereria a Sociedade Científica associar-se a esta celebração? Agarrei a oportunidade com ambas as mãos, grata à Teresa pela iniciativa, e informei, por carta circular, todos os membros da Sociedade Científica.

Porquê esta relação? poderão perguntar os membros mais recentes. Mas todos aqueles que estão na Sociedade Científica desde os anos oitenta, noventa, ou na primeira década do século XXI conheciam a Sra. D. Natália, ou pelo menos sabiam quem era. Tinha sido secretária da Direcção da SCUCP, a convite do então Presidente da Direcção Padre Joaquim Cerqueira Gonçalves. Tinha sido, aliás, intenção do Padre Cerqueira celebrar a missa do dia 9 de dezembro. Só um "recolher obrigatório" decidido pelas autoridades por restrições decorrentes do covid-19 o impediram de estar presente e celebrar a missa. Na homilia, o Padre Pedro fez uma evocação cheia de humor, e muito carinhosa, para com ela.

Enquanto secretária da direcção da SCUCP, a Sra. D. Natália Rothes foi incansável, como o testemunharam o Padre Joaquim Cerqueira Gonçalves, através de um texto lido por Teresa Setuya, Maria da Glória Garcia, Teresa Seruya, Ana Isabel Líbano Monteiro e Manuel Braga da Cruz, entre outras pessoas presentes na missa, que falaram sobre a Sra. D. Natália no final da mesma.

Luisa Leal de Faria

Prof. Eng. José Eduardo Mendes Ferrão (13 de junho de 2022)

Faleceu recentemente, com avançada idade, o Prof. Mendes Ferrão, catedrático do Instituto Superior de Agronomia, e dedicadíssimo amigo da Universidade Católica, com a qual colaborou, e membro devotado da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, onde era assíduo e empenhado.

O Prof. Mendes Ferrão teve uma brilhante carreira académica, onde sempre se destacou pelas elevadas classificações que obteve, e pela projecção pública que deu à sua actividade científica.

Frequentou a Escola Agrícola de Coimbra, onde frequentou a Curso Complementar que lhe daria acesso à Universidade. Licenciou-se no Instituto Superior de Agronomia, da então Universidade Técnica de Lisboa, do qual foi assistente e professor, formando várias gerações de estudantes.

Especializou-se em Agricultura Tropical, tendo dedicado especial atenção às produções tropicais, nomeadamente africanas, como o café, o cacau, o côco, o chá, as oleaginosas. Publicou obras de referência, entre as quais merecem destaque a colaboração nos três volumes de *Oleaginosas do Ultramar Português* (1960), *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses* (com 3ª edição em 2005), que seria traduzido em francês, e *O Café. A bebida negra dos sonhos claros*, 2009, ambos com luxuosas edições de Chaves Ferreira.

Foi membro da Academie Royale des Sciences d’Outre-Mer belga, da Sociedade de Geografia de Lisboa, e à Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal, tendo presidido à Comissão Científica da sua revista.

Desempenhou as funções de Secretário de Estado da Agricultura, entre 1972 e 1974, e presidiu à Comissão Nacional da FAO, entre 1981 e 1993, tendo dedicado estudos ao problema da fome no mundo.

Colaborou com a Universidade Católica, na Pós-Graduação em Estudos Africanos e do Desenvolvimento, e foi membro do seu Conselho Superior, entre 1986 e 1989.

Seria sobretudo na Sociedade Científica da Universidade Católica que revelaria a sua dedicação à actividade universitária católica.

José Eduardo Mendes Ferrão foi um destacado membro da Acção Católica. Presidiu à Juventude Agrária Católica (JAC), quando jovem. Presidiu ao Conselho Superior das Conferência de S. Vicente de Paulo, que representou no Congresso Mundial dos Leigos em outubro de 1967, em Roma.

Compreendeu como poucos a enorme importância da Sociedade Científica da UCP, para a presença católica no mundo universitário. Assíduo colaborador, promoveu iniciativas, e nunca recusou colaboração que lhe era pedida. Quando a Sociedade Científica promoveu as Comemorações do Centenário da Descoberta do Brasil, em Belmonte, coube-lhe proferir a conferência na sessão solene, onde teve oportunidade de explicar com exemplos em cima da mesa, o fenómeno das migrações de plantas que ocorreram com as descobertas. Aí teve oportunidade de explicar como essas migrações tiveram importância no combate à fome de enormes populações, dando o exemplo da mandioca, importada para África das Américas, desse modo contribuindo para satisfazer as necessidades alimentares dos africanos.

Pertenceu à direcção da Sociedade Científica, defendendo e promovendo a organização da Sociedade em secções. Sempre se preocupou em manter viva nela a presença da Engenharia Agrónómica, convidando a fazer parte dela não poucos dos professores católicos do Instituto Superior de Agronomia.

Deu, em toda a sua vida, testemunho dos valores evangélicos, defendendo-os e promovendo-os nas suas múltiplas actividades.

Deixou na Sociedade Científica uma grande saudade, pois nela construiu amizades e promoveu dedicações como a sua.

Manuel Braga da Cruz